



EXCÊNTRICOS E OBSCUROS: DELÍRIO E POLÍTICA EM CARTAS A FIGUEIREDO¹

ECCENTRIC AND OBSCURE: DELUSION AND POLITICS IN LETTERS TO FIGUEIREDO

Felipe Cittolin Abal*

Universidade de Passo Fundo - UPF

 <https://orcid.org/0000-0002-6208-5893>

felipe.c.abal@hotmail.com

RESUMO: O artigo analisa correspondências enviadas ao presidente Figueiredo durante a ditadura militar e arquivadas no fundo Gabinete Pessoal do Presidente da República, do Arquivo Nacional realizando uma intersecção entre a história e a psicanálise. Nas cartas estudadas é possível verificar a presença de delírios por parte dos remetentes, portanto busca-se traçar um paralelo entre os delírios e o momento político, econômico e social da época em que as correspondências foram redigidas. Ao fim, é possível concluir que a realidade externa acaba por influenciar os delírios dos remetentes, tornando-os um reflexo do período histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Correspondências; delírios; ditadura militar; psicanálise.

ABSTRACT: The article analyzes correspondences sent to President Figueiredo during the military dictatorship and archived in the Personal Cabinet of the President of the Republic, of the National Archive, making an intersection between history and psychoanalysis. In the letters studied, it is possible to verify the presence of delusions on the part of the senders, therefore, an attempt is made to draw a parallel between the delusions and the political, economic and social moment at the time the correspondence was written. In the end, it is possible to conclude that the external reality ends up joining the delusions of the senders, making them a reflection of the historical period.

KEYWORDS: Correspondences; delusions; military dictatorship; psychoanalysis.

¹ Artigo realizado com Auxílio Recém-Doutor da FAPERGS.

* Doutor em História pela Universidade de Passo Fundo. Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. É professor na Faculdade de Direito da Universidade de Passo Fundo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As relações entre história e psicanálise sempre foram conturbadas. Diversos historiadores rejeitam a psicanálise como uma disciplina auxiliar alegando não ser possível psicanalisar os mortos. Sujeitos históricos, grupos, classes e nações não poderiam ser analisados em um divã, mesmo que imaginário (GAY, 1989). É certo que tentativas de reduzir a análise histórica a um determinismo psíquico estão fadadas ao fracasso, porém, a recusa em utilizar categorias da psicanálise como auxiliares ao estudo histórico acaba por tirar a possibilidade de introduzir conceitos e conhecimentos relevantes a determinados estudos.

Na realidade, as descobertas da psicanálise vão ao encontro da paixão do historiador pela complexidade. Os sentimentos e ações das pessoas são resultado de diversas causas e podem conter variados significados. Nesse ponto, psicanalistas e historiadores, cada um de sua forma particular, são aliados contra o reducionismo e as explicações monocausais e pouco elaboradas (GAY, 1989).

Tendo em vista as perspectivas de intersecção entre a história e a psicanálise, e as possibilidades e limites da renovação que o encontro entre suas estratégias pode fornecer à historiografia (DE CERTAU, 2020) é que iniciamos o presente artigo, não com o propósito de fazer a chamada psichistória, mas sim de “história informada pela psicanálise” (GAY, 1988, p. 17).

Traçar conexões entre a política e a loucura ou aqueles considerados loucos não é uma novidade. Laure Murat em *O homem que se achava Napoleão: por uma história política da loucura* (2012) lançou desafios ao estudo dos historiadores no que diz respeito à loucura e ao delírio. A obra de Murat parte de questionamentos extremamente relevantes:

Que impacto os acontecimentos históricos têm sobre a loucura? Em que medida e sob que formas a política é matéria de delírio? Pode-se avaliar o papel de uma revolução ou de uma mudança de regime na evolução do discurso da desrazão? Que inquietações políticas e sociais os delírios trazem dentro deles? (2012, p. 19)

O discurso e as práticas relativas aos loucos e à loucura, em momentos-chave da história francesa (anos de 1793, 1830 e 1848), se interlaçam ao político nos documentos estudados pela historiadora, sendo possível afirmar que “a história não produz os sintomas da loucura, mas a loucura latente se desenvolve em função dos acidentes da história” (MURAT, 2012, p. 224).

É a partir dessas constatações que podemos tratar do acervo documental que deu origem a essa pesquisa, continuação de um artigo já publicado com foco no período em que Geisel foi presidente (AUTOR). O Sistema de Informações do Arquivo Nacional possui, dentre seus diversos fundos e coleções, dois fundos do Gabinete Pessoal do Presidente da República (FGPPR), onde constam diversas correspondências enviadas a presidentes, dentre as quais selecionamos as enviadas ao presidente João Batista Figueiredo, tendo em vista que foi possível encontrar centenas de cartas enviadas a ele o que resultou, após triagem, nas que são analisadas neste artigo².

As correspondências citadas já estavam divididas em grupos, como “elogios”, em que constam congratulações ao ditador, “eletrodomésticos”, com pedidos de televisores, rádios etc., dentre outros. Os grupos que chamaram a atenção foram os denominados “excêntricos” ou “obscuros”. Nessas correspondências, em sua maioria escritas à mão, constavam desde pedidos esdrúxulos, como vagas em universidades ou aprovação em concursos públicos, até invenções milagrosas e pedidos de ajuda de pessoas que se diziam perseguidas por grupos misteriosos com o uso de tecnologias que parecem saídas de um livro de ficção científica.

² Utilizamos a expressão “ditadura militar”, seguindo o defendido por Carlos Fico (2017).

Em uma leitura preliminar já foi possível verificar a existência de cartas em que ficava expressa a existência de um delírio por parte do remetente, entendendo-se por delírio todo tipo de compreensão falsa da realidade, englobando os delírios de perseguição e grandeza. Tendo em vista a grande quantidade de documentos foi feita uma segunda leitura e triagem daqueles que se entendeu mais relevantes, resultando em cerca de duas centenas de páginas.

A escolha do período ditatorial militar também cumpre a função de verificar uma hipótese ligada a esses delírios: tendo em vista a falta de liberdade vivenciada nessa época, os discursos em torno do perigo comunista e a crise econômica, haveria a possibilidade de que os delírios expressos nas correspondências refletissem as características desse momento político.

O objetivo desse artigo é, portanto, verificar de que maneira o momento histórico-político brasileiro da época pode ter impactado na formação do conteúdo dos delírios percebidos nas correspondências enviadas ao presidente Figueiredo.

Evidentemente, não se trata de diagnosticar os remetentes, uma vez que isso seria impossível, mas sim de utilizar categorias psicanalíticas no sentido de compreender uma parte desse momento histórico, a sua relação com os indivíduos, e sua influência na fuga da realidade visível no conteúdo das cartas.

OS DELÍRIOS NA PSICANÁLISE

Quando tratamos dos delírios presentes nas cartas, esses podem ser divididos em duas espécies: delírio de perseguição e delírio de grandeza. O delírio de ciúme não foi constatado nas correspondências selecionadas e em apenas uma foi verificada a erotomania. As duas formas de delírio são características da paranoia, um dos componentes da psicose, ao lado da

esquizofrenia e da psicose maníaco-depressiva³ (ROUDINESCO; PLON; 1998). Apesar de não pretendermos diagnosticar os remetentes das correspondências, como já dito, é necessária uma breve explanação sobre a paranoia e os delírios, sendo necessário ressaltar, ainda, que os delírios não são exclusividade da psicose, uma vez que neuróticos também podem delirar.

Em seu texto *Neurose e Psicose*, de 1924, Freud diferencia ambas dizendo que “a neurose é o resultado de um conflito entre o Eu e seu Isso, ao passo que a psicose é o resultado de uma perturbação semelhante nas relações entre o Eu e o mundo exterior” (FREUD, 2018a, p. 271-272). Para dar conta dessa perturbação é que o Eu cria para si um novo mundo interior e exterior, formando delírios que servem como um “remendo” onde ocorre a fissura entre o Eu e o exterior, o qual serve como uma tentativa de cura ou de reconstrução (FREUD, 2018a).

Importante ressaltar que, como Freud coloca em outro texto do mesmo ano, *A Perda de Realidade na Neurose e na Psicose*, esses delírios não necessariamente são completamente alheios a alguns traços da realidade, uma vez que a reelaboração da realidade passa por outros vínculos que haviam sido mantidos, como lembranças, representações e percepções da realidade. A psicose passa, então, a ter a tarefa de procurar novas percepções correspondentes à nova realidade, o que se faz através da alucinação (FREUD, 2008b).

Regressando para a questão da paranoia e seus delírios, Freud, em 1911, relatava que uma característica comum à paranoia era que ela se apresentava como uma defesa contra desejos homossexuais. Isso levaria a uma inversão

³ A erotomania é um delírio em que a pessoa acredita que outra, com quem pode nunca ter tido contato, está apaixonada por ela. A paranoia é um delírio sistematizado, em que a interpretação predomina, sem deterioração intelectual. Na paranoia se incluem o delírio de perseguição, a erotomania, o delírio de grandeza e o delírio de ciúme. Esquizofrenia se refere a um componente cujos sintomas fundamentais são a incoerência do pensamento, da afetividade e da ação, o ensimesmamento e uma atividade delirante. A psicose maníaco-depressiva, por sua vez, é caracterizada pelo humor sombrio, um estado depressivo profundo, e por manifestações de medo e desânimo que podem adquirir o aspecto de um delírio (ROUDINESCO; PLON, 1998).

proposicional do delirante, de uma posição ativa a uma posição passiva. No delírio de perseguição ele passaria de um *eu o amo* para *ele me odeia (persegue)*, no caso da erotomania do *eu a amo* para *ela me ama* e, no caso da megalomania⁴, a proposição na sua totalidade é rejeitada, se tornado um *eu só amo a mim mesmo* (FREUD, 1996a).

Freud, em seus estudos, rompeu com a lógica de que o delírio seria um sintoma da psicose, entendendo-o como uma tentativa de cura ou solução, um movimento em busca da estabilização. Aquilo que é vivido como um trauma não ganha uma representação, fazendo com que o Eu rejeite uma possível representação como se ela nunca tivesse ocorrido. Esse fragmento da realidade que causa um desagrado é rejeitado e substituído por um delírio, enquanto na neurose, o que é recalcado é substituído por uma fantasia inconsciente. A diferença entre a neurose e a psicose, nesse sentido, não estaria no simples rompimento com a realidade, o que pode acontecer em ambos os casos, mas na forma com que se busca restaurá-la, através da fantasia, no caso da neurose, ou do delírio, na psicose (FREUD, 2018b).

Elaborando em torno da obra freudiana, foi com Lacan que a teoria psicanalítica sobre a psicose teve maior desenvolvimento. Para Lacan, há a necessidade de um terceiro no processo de simbolização da mãe na relação entre ela e a criança, um terceiro que introduz uma lei de interdição, um “não” à reintegração da criança pela mãe e também à criança como objeto de uso da mãe. Essa é a instância paterna como metáfora paterna, a instauração do que ele denominou de Nome-do-Pai enquanto função simbólica, cuja intervenção no Outro instaura a lei para o sujeito. Esse sujeito passa de uma posição de ser falo (da mãe) para uma posição de falta-a-ser, ingressando na dialética do ter ou não ter (LACAN, 1999).

⁴ Megalomania, caracterizada por delírios grandiosos, nos quais o delirante assume uma posição de superioridade, podendo se identificar com figuras poderosas.

Assim, a inserção do significante Nome-do-Pai marca a entrada do sujeito na ordem simbólica, fazendo com que se inaugure a cadeia de significantes no inconsciente. O Édipo, portanto, é o preço que se paga para o sujeito ingressar na linguagem, devendo lidar com a falta, o recalque e a castração simbólica. É nesse ponto que temos a possibilidade da psicose, uma vez que, para o psicótico, o significante Nome-do-Pai é foracluído⁵, ficando alheio ao campo simbólico diante do fracasso da metáfora paterna. Uma vez que o Nome-do-Pai é o significante que permite o sujeito entrar no campo da linguagem e articular a cadeia de significantes, a sua não inscrição acarreta os distúrbios da linguagem e, em especial, a alucinação (QUINET, 2011).

Não tendo a referência simbólica, o psicótico funciona no registro imaginário, fazendo com que o outro seja tomado como espelho e modelo de identificação, decorrendo disso o transativismo, projeção e rivalidade, mesclando identificação e erotização. O delírio é que vem para suprir o buraco que fica diante da foraclusão do Nome-do-Pai, ingressando como uma peça que é colada onde há uma falha na relação do sujeito como o mundo da realidade, mundo esse que é estruturado pelo simbólico (QUINET, 2011). Em suma:

O que se avista no processo de elaboração de um sistema delirante é uma tentativa de reconstrução por meio do qual o psicótico, sem o suporte da significação fálica para lidar com a estrutura da linguagem, ensaia alguma produção de sentido que o sustente psiquicamente (SANTOS; OLIVEIRA, 2012, p.79).

Para os psicóticos, o que é rejeitado no simbólico reaparece no real. As articulações são realizadas com crescente valorização do imaginário. O inconsciente fica a céu aberto. Ainda, não se permite mobilizações ou

⁵ Foraclusão é um termo que Lacan empresta do direito francês, que significa a perda de prazo para interpor uma ação, fazendo com que o fato, apesar de ocorrido, não exista mais no plano formal diante da não realização de um ato jurídico no termo previsto. Levado para o campo da psicanálise, significa que uma operação não se inscreveu em tempo hábil (o Nome-do-Pai), fazendo com que sejam inoperantes sua função e efeitos (GUERRA, 2010).

metaforizações, as quais só poderiam existir através da inscrição do sujeito na lógica fálica.

Evidentemente a teoria psicanalítica sobre as psicoses, especialmente em Lacan, é muito mais completa e complexa. Ressaltamos para os leigos na área o seguinte, de forma resumida: enquanto na neurose (tida aqui como uma espécie de “normalidade”) existe a possibilidade de o sujeito suprir faltas ou conteúdos recalçados com metáforas, na psicose essa possibilidade não existe, fazendo com que seja utilizado o recurso do delírio como uma maneira de “tapar um furo”. Nos dizeres de Miller os psicóticos “são obrigados a fazer esforços totalmente desmedidos para resolver problemas que, para o normal ou o neurótico, são resolvidos pelos discursos estabelecidos” (2003, p. 15).

Realizamos essa breve introdução sem o intuito de esgotar o tema, que é bastante discutido e estudado em psicanálise, mas apenas para explicar brevemente a respeito de conceitos que serão utilizados na análise das correspondências, o que passamos a fazer. Cumpre ressaltar que omitiremos sobrenomes e dados pessoais que possam identificar os remetentes e pessoas citadas, bem como que nas citações diretas manteremos a escrita conforme consta nas correspondências.

DELÍRIOS PERSECUTÓRIOS

Em 15 de maio de 1984 Ernandes, residente em Goiânia, envia uma carta endereçada ao presidente João Batista Figueiredo solicitando ajuda. Enquanto muitos escreviam ao presidente solicitando auxílio financeiro e relatando suas más condições de vida, o pedido de Ernandes relatava uma situação muito específica: “Venho por meio dessa solicitar de vossa excelência a confirmação se há um trabalho de ciência usando minha pessoa como escravo ou uma junta comunista que também controla a maconha e cocaína” (FGPPR).

Conta o remetente que vinha sofrendo torturas por uma ou mais pessoas que utilizariam “aparelhos pelo ar” que seriam capazes de “ler pensamentos, comunicar pelo pensamento, colocar ipoteses no conciente [...] provocar dores na cabeça, aquecer o corpo [...], colocar mal cheiro, [...] provocar dezinteria, falar de longa distância próximo das pêssoas e outras mais” (FGPPR).

Essas pessoas através do aparelho seriam aptos a impedir que Ernandes explicasse o que acontecia com ele, dizendo que só lhe contariam o porquê do sofrimento se ele traficasse cocaína e maconha. Também perguntariam a ele se seria contra o comunismo. Disse, ainda, que já havia remetido outra carta, mas que essa não havia chegado às mãos do presidente porque seus algozes afirmavam que ele mesmo era membro da equipe, o que o remetente não acreditava ser verdade, por isso pedia ajuda por estar sofrendo muito.

A carta de Ernandes já demonstra elementos que veremos se repetir posteriormente. Em primeiro lugar, podemos verificar a existência de um delírio persecutório, perseguição essa realizada por uma pessoa ou um grupo de pessoas misteriosas que ele mesmo não sabe quem são ou por que o perseguem, mas que seria poderoso a ponto de cogitar incluir o próprio presidente.

O segundo elemento está presente no discurso de Ernandes em sua carta, o qual reflete os medos e inimigos próprios da época. Mesmo ao fim da ditadura militar o tema do perigo comunista ainda era forte nos discursos políticos e no imaginário popular. Esses, denominados subversivos, seriam os grandes inimigos da família e favoráveis à promiscuidade sexual, além de usuários de drogas. Assim, conforme Brito (2021) os discursos durante a ditadura militar contra a subversão, o comunismo e usuários e traficantes de drogas se entrelaçavam em teorias da conspiração típicas da tradição anticomunista. Desta forma, entrelaçam-se o delírio do remetente com o discurso político da época, em conformidade com o disposto por Gay:

As pessoas tornam-se neuróticas ou loucas em uma situação específica. Nunca são assaltadas por alguma neurose geral ou fobia indefinida, mas tecem seus sintomas a partir de histórias ouvidas, incidentes vistos, ansiedades sentidas, todas expressas através de um vocabulário pictórico e verbal que partilham com seus contemporâneos mais afortunados. E tanto a situação como o vocabulário são o ingresso do historiador para entrar no mundo psicanalítico (GAY, 1989, p. 110).

Uma nova carta foi enviada por Ernandes meses depois, em janeiro de 1985, dessa vez endereçada à primeira-dama, Dulce Figueiredo, solicitando a sua intervenção diante da ausência de resposta de seu marido. Por se tratar de uma solicitação para que ela interviesse junto ao presidente, justificamos sua inclusão. A essa carta foram anexadas outras enviadas anteriormente, dentre as quais a que acabamos de expor. Nas demais, o vocabulário se repete, com a denúncia de torturas, do implante de pensamentos e da questão do uso e tráfico de drogas. Em duas cartas, porém, aparecem novidades. A primeira é o relato que esses aparelhos também retirariam ou provocariam o seu desejo sexual, o que é curioso pois a etiologia da sua estrutura provavelmente está no elemento sexual.

A segunda novidade é uma referência à Argentina em uma passagem escrita por Ernandes como pós-escrito em uma das correspondências: “Obs: como aconteceu na Argentina no governo de Galtiere, presidente e ministros assassinos e torturadores de seres humano; pode estar acontecendo também no Brasil” (FGPPR)⁶.

Em um primeiro momento, pode-se denotar novamente como um fator do mundo externo é incorporado ao delírio. Passados dois anos do fim da ditadura argentina, as denúncias existentes ligadas a ela são trazidas e passam

⁶ A ditadura na Argentina havia iniciado em 1976 por meio de um golpe de estado e estendeu-se até 1983, sendo caracterizada por amplas violações aos direitos humanos como torturas e assassinatos, conforme trazido por Ernandes. O general Leopoldo Galtieri foi o terceiro ditador a ocupar a presidência da Argentina, responsável por declarar guerra ao Reino Unido e a tentativa de ocupação das Malvinas, sendo sucedido por Bignone, o último ditador (NOVARO; PALERMO, 2007).

também a ser usadas como pano de fundo para as construções do remetente. Além da suspeita de que isso “pode estar acontecendo também no Brasil”, a questão que permanece e sobre a qual podemos apenas inferir é relativa ao uso contínuo da palavra “tortura”.

Ernandes afirma repetidamente ser torturado, uma palavra que também ao leitor deve trazer uma forte carga no que diz respeito ao período da ditadura militar brasileira. Seria isso uma interferência do momento político brasileiro e da repressão militar que teria dado a ele esse significante? A referência à Argentina nos leva a inferir que sim, uma vez que a participação de pessoas poderosas parece também ser uma hipótese para Ernandes. Claro que parece paradoxal um torturado pedir ajuda ao torturador, mas quem mais teria poder de fazer o sofrimento de Ernandes cessar? A análise das demais correspondências nos ajudará a ver se essa situação ocorre novamente.

Em 30 de maio de 1980, Nelson, residente na cidade do Rio de Janeiro, envia uma carta escrita à mão à presidência da República fazendo uma denúncia referente a um problema que, segundo ele, não é apenas pessoal, mas nacional. Dizia que há anos denunciava elementos “penetrativos com relação à política e determinantes com relação ao domínio mental e físico”, pedindo averiguação referente a “nazismo, vampirismo determinante através hipnose cessando o sistema rádio e magnetismo precoces” (FGPPR).

Segundo o remetente, por 15 anos lutava contra torturas mentais e físicas, relatando que seus perseguidores “usam como descarga, para prevalecer um outro mal, o comunismo. Dois males que assoberbam a humanidade” e, por suas ações “vivo como se estivesse num campo de concentração nazi-fascista. Meu corpo é testemunha.” (FGPPR).

Em seguida, relata a origem dos algozes:

Em 1944 alguns cientistas que patrocinavam o 3 Reich de Adolff Hitler, já alimentados por um que escapou dos Est. Unidos,

escaparam da Alemanha e penetraram no Brasil. Aqui desenvolveram o sistema:

Raça pura... ariano.

Para tanto [ilegível] do sangue de jovens de 15 a 18 anos, virgens, masculinos, brancos, para inoculação. Resultado: não há velhice, doença ou morte. A vida torna-se indefinida, maior campo magnético-mental no vampirismo.

Veja os bancos de sangue, quando tiveram início?... (FGPPR).

Através desses conhecimentos e poderes eram capazes de “comando hipnótico e telepático (micro-ondas) para comando de assaltos, assassinatos, estupros, sequestros para desarticular a autoridade constituída” (FGPPR). Após, acaba escrevendo brevemente e de forma confusa a respeito da presença de OVNIS para salvar a humanidade e pede providências do presidente. A missiva é finalizada de modo bastante formal “Valho-me desta oportunidade para apresentar a Vossa Excelência, Senhor Presidente, os protestos de minha distinta consideração e elevado respeito” (FGPPR).

Como pode ser percebido, temos uma reprise em relação ao caso anterior. Novamente uma perseguição com o intuito de torturar o remetente e referências ao comunismo. Apesar de posteriormente Nelson fixar seus oponentes como nazistas, pode-se perceber que suas ações maldosas têm por fim atacar a autoridade, encaixando-se mais uma vez nas características dos subversivos.

No caso de Nelson podemos também fazer um esforço para buscar de que maneira o contexto histórico-político pode ter contribuído para a construção de seu delírio, especialmente as referências a nazistas e campos de concentração. No momento em que a carta foi escrita, a presença de nazistas no Brasil constava tanto na mídia quanto na ficção. Entre 1978 e 1979 haviam sido julgados os pedidos de extradição contra Gustav Wagner, oficial da SS e segundo em comando no campo de extermínio de Sobibor. O fato foi amplamente noticiado e confirmava, mais uma vez (o ex-comandante de

Sobibor e Treblinka, Franz Stangl, foi capturado em São Paulo e extraditado em 1967) a presença de nazistas no Brasil (AUTOR, 2018).

Da mesma maneira que no caso anterior, tendo em vista não ter recebido resposta, em fevereiro de 1981 Nelson escreveu novamente para cobrar um retorno, reafirmando a periculosidade da “organização terrorista” que ele denuncia, a qual seria “superior à Máfia”. Diante do lapso de tempo entre uma correspondência e outra podemos perceber que não se tratou de um episódio isolado, mas de pensamentos que permaneceram com o remetente. Em sua segunda carta Nelson especifica ainda mais a atuação do grupo que utilizaria hipnose, telepatia e micro-ondas:



A vítima é imantada na adolescência e treinada sem que o note para obedecer aos pensamentos que recebe através a membrana do tímpano esquerdo. Ao adquirir a maior idade é, sem saber um “Zumbi” ou Robô humano. Na política “nazismo” infiltram-se para a prática de todas as sugeiras, nas forças armadas para ouvirem, ver e desviar armas e munições. Quando para nada servem são usados no tráfico de tóxicos, sangue e assaltos [...] Como não obedeco, sou vítima das mais torpes torturas, atingindo-me todo o corpo, externa e internamente. Controlam em mim a visão, sistemas, digestivo, urinário, circulatório, respiratório e sexo. [...] Em minha casa nada funciona: rádio, televisão, relógio, fugão, luz flourescente, gravador ou toca discos (FGPPR).

Aparentemente, todos os problemas de Nelson seriam gerados pela dita organização, desde suas condições físicas até o funcionamento de seus equipamentos eletrônicos. Alerta, por fim, que o laboratório do grupo ficaria no Rio de Janeiro enquanto o seu quartel-general estaria no interior do Brasil, deixando novamente um aviso quanto às intenções da organização “desmoralizar e desarticular as autoridades”.

Essa segunda carta, em relação à aparência, está mais bem estruturada que a primeira, contém espaços entrelinhas consistentes e parágrafos que mantêm seu tamanho em cada uma das páginas, não aparentando ter sido escrita em um momento de desespero. Da mesma forma que anteriormente,

finaliza em tom formal. Mais uma vez o contexto histórico-político permeia o delírio, especialmente na escolha dos seus perseguidores. Apesar de uma referência ao comunismo, os torturadores de Nelson são nazistas, mas com as mesmas características apontadas no caso anterior: contrários às autoridades, envolvidos no tráfico de drogas, responsáveis por roubos e assassinatos, encaixando-se novamente no estereótipo criado do subversivo. Além disso, ressaltemos, Nelson também se diz torturado. As imagens da cultura impregnam o vocabulário do delírio.

As últimas correspondências que analisaremos nesse momento são de Gláucia, residente então no Rio de Janeiro. A primeira carta foi enviada em 15 de março de 1979 e inicia em tom religioso, pedindo que o espírito de Deus e da Páscoa abençoem o presidente e sua família. Logo depois pede desculpas por erros de ortografia, os quais estariam ligados à razão principal pela qual enviou a missiva:



[...] estou morrendo com os venenos e os tóxicos que os Porteiros, Fachineiros e marginais de todos os sexos e todas as espécies botam no apartamento por todas às janelas, basculantes e pela porta e a água está envenenada há 8 anos e eu carrego água para beber, em um garrafão e 5 litros comprados numa lanchonete [...] e os donos já foram ameaçados de morte se continuar a me ceder água; querem me matar de qualquer maneira e eu não tenho a quem recorre e pedir socorro (FGPPR).

Gláucia, então, expõe quem são os mandantes das violências e ameaças sofridas: “Nelson Rodrigues e o programa de Haroldo de Andrade que paga a um assassino para fazer barulho e botar os líquidos e pós fétidos, ininterruptamente” (FGPPR). Essas ações seriam tão graves que a remetente afirmava: “estou sendo massacrada de uma maneira monstruosa que nem nos campos de Concentração existe uma forma tão infame e monstruosa de assassinio”, dizendo ainda que inclusive oito de seus passarinhos haviam sido mortos.

Após identificar os seus dois maiores (mas não únicos) perseguidores, Gláucia diz viver cercada de elementos perigosos, seus vizinhos “Cabeção, Paulão japonês que só de latrocínios tem 5. os outros são Terroristas, Subversivos, ladrões e Prostitutas de todos os sexos” e finaliza novamente se desculpando por erros gramaticais: “não repare os erros pois tenho passado muito mal e já vomitei sangue devido ao envenenamento constante” (FGPPR).

Gláucia estaria sendo perseguida por duas figuras de destaque na mídia, Néelson Rodrigues, colunista do jornal O Globo à época, e Haroldo de Andrade, famoso radialista da Rádio Globo. Como veremos, ambos também seriam, para ela, inimigos do presidente. Quanto às demais pessoas que a cercavam, novamente temos a utilização de significantes que percorrem o imaginário da época: terroristas, subversivos e prostitutas. Todos eles formavam a imagem de um opositor ideal, contrário ao regime militar, à ordem e, claro, a pessoas como Gláucia, a quem pretendiam matar. Essa coincidência entre os seus inimigos pessoais e os do país e do presidente fica clara na sequência:

Agora vamos falar dos traidores da Pátria; há umas duas semanas fiz um barulho como só eu sei fazer quando se trata de defender o País e Meu PRESIDENTE; as reuniões Comunistas compostas das ARIRANHAS VERMELHAS da Rádio Globo chefiadas por Haroldo de Andrade, Néelson Rodrigues, Magalhães Pinto o (judas) General Euler Bentes [...] aliás eu disse isto a uma Autoridade Militar chamando a atenção do mesmo para o fato de estarem conspirando contra sua candidatura e praticando um crime contra o Brasil que o ama e respeita. V. Excia., conquistou o coração do Brasil e hoje tem quem o defenda com a própria vida. Como eu estou fazendo. Já tem elementos VERMELHOS de o Globo dentro do Palácio do Planalto lançando gorjeios para as Secretárias e os ajudantes de ordem [...] os Yagos estão ai, para fazerem todas as maldades e desestabilizar o país e à minha presença do lado de V. Excia., os tolhe muito (eles dizem que sou uma mulher muito perigoza), e sou mesmo na defesa do direito e da sã liberdade (FGPPR).

Agora, somavam-se à lista de inimigos Magalhães Pinto, um dos articuladores do golpe civil-militar de 1964 e à época deputado federal (CPDOC, s/d) e o general Euler Bentes Monteiro, chamado de “Judas” por Gláucia uma vez que havia concorrido ao cargo de presidente contra o general Figueiredo. Estes, então, seriam comunistas, vermelhos ou ariranhas vermelhas, que buscavam ao mesmo tempo desestabilizar o país e atacar Gláucia, a qual seria tida como um perigo para eles.

Um traço marcante a ser destacado é o fato de que em um delírio de perseguição sempre existe também um delírio de grandeza, uma vez que esses perseguidores escolhem a pessoa a ser atacada por ela ser de alguma forma especial. Nesse caso, Gláucia seria de tal forma importante e perigosa em sua ajuda ao governo e ao presidente que radialistas, escritores e políticos estariam juntos para impedir que ela alcançasse seus objetivos.

Na sequência da missiva a remetente continua a imputar crimes a seus perseguidores, dizendo que o “VÂNDALO Néelson Rodrigues manda incendiar o Brasil como fez no Edifício Joelma” além de causar “acidentes (como chamam os ingênuos) nos Návios e outras Embarcações e tantas outras maldades que o tempo não bastaria se eu fosse menciona-las”. Finaliza dizendo que esteve doente, mas “Jesus me ressuscitou mais uma vêz me fez ressurgir de minhas próprias cinzas como à Fenix”, pedindo mais uma vez que o presidente não reparasse em seus erros e desejando “fiquem com Deus com às bênçãos de sua filha velha que não mede sacrifícios na defeza dos sãos Ideiais” (FGPPR).

Pouco mais de dois meses depois, em 20 de maio de 1979, Gláucia escreveu novamente ao presidente. Desta vez a carta era mais longa, contendo seis páginas datilografadas e iniciava com um pedido de desculpas por não ter escrito antes, mas a demora também era justificada pela ação de seus perseguidores:

[...] os MONSTROS puzeram VIRUS de Herpe-zoster na água e eu não tenho outro jeito senão usar esta água contaminada para os afazeres normais, e só para beber eu busco na Rua como já contei em cartas anteriores e contrai o VIRUS no rosto, nos olhos, nariz e na cabeça. A tragédia foi total; além dos martírios e torturas mais esta e barulho ininterrupto de móveis arrastados propositalmente e outro ruídos que me faz senti no inferno em vida (FGPPR).

Gláucia teria, então, aproveitado uma breve melhora para enviar a correspondência ao presidente, que necessitaria se defender, já que os “VANDALOS da Rádio Globo já anunciaram publicamente à vitória deles sobre o Planalto”. Outras declarações dadas por eles não poderiam ser ditas pois, caso fossem, a carta seria interceptada e rasgada com fins de “incompatibilizar Vossa Excelência comigo que sou a única força atuante contra eles e todos os crimes que praticam contra este Querido e mal-fadado Brasil”. A remetente continua por mais duas páginas relatando perseguições dos “sicários vermelhos”, adicionando ao rol de perseguidores outras figuras, como Rivaldo de Moraes Carneiro, também conhecido como Rivaldo Martha Rocha, que havia participado em 1974 de uma tentativa de fuga do Presídio Evaristo de Moraes que resultou na morte do Tenente-Coronel Darci da Costa (JORNAL DO BRASIL, 1974), taxistas, psicólogas, padres, entre outros. O número de perseguidores relatados por Gláucia parece não ter fim.

Antes de terminar a missiva, Gláucia faz um resumo de sua formação e carreira, pedindo ajuda a Figueiredo, dizendo que se aposentou com redução de vencimentos, o que seria “sem efeito por inconstitucional, injusta e ferir a Justiça do Direito Adquirido”. Por fim, manda um abraço à primeira-dama, faz mais elogios a Figueiredo e pede bênçãos divinas a todos.

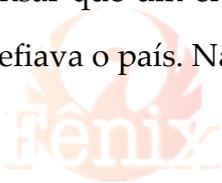
DELÍRIOS DE GRANDEZA

A carta enviada por Edesio ao presidente Figueiredo em maio de 1983 parece, inicialmente, apenas confusa, porém traz elementos relevantes. Começa

dizendo que dois dias antes assistira o programa “O Povo e o Presidente” na TV Globo, no qual o que mais o havia marcado era o presidente ter dito que “a sua palavra é Democracia”. Relata em mais algumas linhas o que viu e no parágrafo seguinte faz uma conexão curiosa:

Presidente Figueredo, à Democracia quer dizer: Govêrno do povo. E, como eu o disse: eu adoro à Grande nação de Israel, e, também adoro o comunismo, principalmente o comunismo de Cuba. Presidente, à democracia seria maravilhosa para mim; se eu Edesio [omitimos sobrenome] tivesse tudo que eu ganhei, nesses anos que se passarão; nas mãos, e, também todos os direitos (FGPPR).

Causa estranheza ver a desenvoltura com a qual Edesio elogia o comunismo e, em especial, o comunismo cubano. Com toda a retórica anticomunista que permeava o país, parece difícil que uma pessoa pudesse pensar que um elogio a Cuba seria bem recebido pelo general do exército que chefiava o país. Na sequência aparece o delírio grandioso de Edesio:



www.revistafenix.pro.br

Presidente Figueredo, o que eu mais desejo é, o prêmio nobel. Quando à Deusa do Mar (Iemanjá), disse na frente de todos (militares e, muitas pessoas influentes da época), em 1960; Jesus Cristo Pai, você é meu filho; e, mandou todos jurarem e meu laudo (da soberba). Muitos juraram o laudo. Outros fidelidade à indenização da soberba. Outros juraram fidelidade ao prêmio nobel, exemplificando: à Marinha. À Marinha jurou fidelidade ao prêmio nobel, para fazer o meu laudo, com grande ajuda do Príncipe do Mundo von Boros. Isso é justo? Eu não acho (FGPPR).

A vontade do remetente é, a princípio, ganhar o prêmio Nobel, o que seria direito seu. O restante do trecho é bastante confuso, mas aparentemente Edesio teria conhecimento de um envolvimento entre Iemanjá, Jesus e os militares. Chamamos a atenção para a menção de von Boros e o parágrafo seguinte:

Presidente João Figueredo, e que eu Edesio penso do amor não é só sexo. Eu queria (1) uma das minhas esposas à meu lado, para dar, carinho, sinceridade, ser um amigo exemplar, dar meu coração à ela [...] Mas nenhuma delas estão em todo eu, não me deram chance de mostrar à todos que juraram o laudo da soberba, o quanto eu sou homem concepção da palavra, em tudo. (FGPPR).

Nesse momento o pedido de Edesio muda de direção e ele solicita uma das suas esposas. O que é curioso da ligação da menção a von Boros e esse parágrafo é o seguinte: Conde Louis von Boros é um personagem fictício das histórias em quadrinhos Lobisomem, lançadas no Brasil em 1972. As histórias possuíam uma base de aventura, com seres sobrenaturais, mas também continham diversas cenas eróticas, por isso a conexão entre o parágrafo que menciona von Boros e a sequência, em que Edesio pede uma esposa para amar e ter relações sexuais.

O conteúdo da carta de Edesio muda constantemente. De um delírio grandioso em que ele mereceria um prêmio Nobel e teria contato com divindades, passa a um pedido de uma companheira. Sempre chama a atenção nas cartas com a presença deste delírio, o fato de que os remetentes, conhecedores de um segredo oculto, detentores de poderes ou com conexões divinas, podem ao mesmo tempo necessitar ajuda do presidente. Após o fim das análises das cartas traçaremos uma hipótese para explicar esse fato.

A sequência da correspondência traz novamente o remetente a uma posição de superioridade:

Presidente Figueiredo, eu sei quem sou eu, o meu caráter, e, seriedade, e, o homem bom que eu sou. Eu sou o meu Deus, em irmandade Universal.

[...]

Eu chego em qualquer lugar do mundo, com essa pele morena, e, não existe ninguém que tenha racismo de mim. Tanto do sexo masculino, e, principalmente o feminino, que sempre me adora em todo lugar, que vou.

[...]

Quando eu estive prêso; em outra vez no Hospital Penitenciário Heitor Carrilho (Niterói), eu Edesio [omitimos] jogava xadrez com psicólogos do estado, que se diziam campeões de xadrez; e, as psicólogas (mulheres) disputavam até fazer amor (sexo) comigo, se eu vencesse os campeões de xadrez, e, elas (psicólogas) também. Eu Edesio, vencia todos êles, no jogo de xadrez. E desfrutava de momentos maravilhosos com as psicólogas, fazendo sexo (amor) com algumas delas no Manicômio Judiciário (Niterói) [...]

Presidente! Eu só penso no prêmio nobel (FGPPR, grifo nosso).

Agora, de alguém que não possuía qualquer uma de suas “esposas”, Edesio passa a um grande vencedor no xadrez, o que lhe renderia favores sexuais das psicólogas, as quais disputariam ter relações com o remetente. É nítido que a correspondência de Edesio possui diversos tons, não revelando unicamente um delírio grandioso, com seu contato com seres sobrenaturais e direito ao prêmio Nobel, como também uma grande confusão em relação à sua concepção da realidade e um forte impacto da questão sexual, que varia entre ele ser muito desejado (elas me amam) e estar sozinho (preciso de uma esposa).

Ainda, ressaltamos como novamente o panorama político acaba entrando na construção do delírio. Menções a Cuba e ao comunismo, demonstram como esses elementos externos de alguma maneira acabam ingressando no delírio, mesmo que de forma incoerente. Passemos a uma nova correspondência.

Em dezembro de 1981 Odete, residente em Campina Grande no estado da Paraíba, enviou sua carta ao general Figueiredo. Logo de início ela informa que o intento da comunicação é pedir um favor ao presidente: “Eu sofro muito com o que estar ocorrendo no mundo. Eu preciso salvar esse mundo de tanta miséria. Eu curei o seu coração com o meu amor e quero curar o resto do mundo” (FGPPR). Odete seria, portanto, a responsável pela recuperação do distúrbio cardíaco que havia atingido Figueiredo em 18 de setembro daquele ano (JORNAL DO BRASIL, 1981) e que fez com que o presidente ficasse afastado até novembro (CPDOC, 2021).

Ainda, seria capaz de fazer o mesmo para o resto do mundo, bastaria que Figueiredo fornecesse passagens de avião para São Paulo para ela se apresentar no Fantástico. Segundo a remetente, ela só não havia se apresentado antes “porque Deus me proibia. Agora eu posso falar e lutar contra tudo e todos”. A sua ligação com o presidente e sua equipe aparece novamente logo na sequência: “Esse Brasil é teu e ninguém vai te tirar do poder porque eu não deixo, nem você nem o Delfim Neto porque vocês sabem governar” (FGPPR).

Mais adiante, Odete especifica ainda mais o seu objetivo com a aparição no Fantástico: “Eu quero salvar o de uma 3ª Guerra Mundial pois o mundo estar em minhas mãos foi a mim que Deus o entregou, portanto só você pode me ajudar” (FGPPR). Ela termina a correspondência pedindo novamente ser atendida e finaliza: “meu nome é Odete [omitimos]. Eu sou a ressurreição de Eva. Creia em mim e em Deus primeiramente. Mande me buscar como sem falta. Tua mãe Eva-Maria-Odete” (FGPPR).

Diversos pontos dessa curta carta de duas páginas podem ser ressaltados. Primeiramente, o aparente delírio grandioso de Odete, ao se revelar como salvadora do presidente e incumbida por deus do mundo. Não só ela seria uma pessoa comum, mas a ressurreição de Eva e também Maria que, segundo ela coloca, “ambas são as mesmas”. Em segundo lugar, é nítida a relação entre a realidade e a formação de seu delírio. Ela teria por objetivo manter Figueiredo e Delfim Neto no poder, além de evitar a 3ª guerra mundial, um medo que pairava durante todo o período da Guerra Fria. Por fim, chama novamente a atenção o fato de que, mesmo com seus poderes, Odete necessitava da ajuda do presidente, colocando inclusive que só ele poderia ajudá-la. Odete poderia curar à distância, salvar o mundo através de um programa de televisão, mas o imaginário da época acabava atravessando o seu pensamento ao revelar que, mesmo com a ajuda de deus, quem detinha o poder eram os militares e, em especial, o general Figueiredo.

Em uma minoria das cartas, porém, o presidente não era tratado com cortesia. A correspondência enviada por Victor da cidade de Porto Alegre em agosto de 1981 é um exemplo:

Vossa excelência não recebeu a minha carta documento para sêr assinada e carimbada pôr vossa excelência o assunto é para passar fôgo em tôdos os nêgros existentes na terra Africa e brasil! Já está por demais este assunto nêgro agora eu quero a sua autorização e a assinatura sua carimbada com validade eterna em tôdo o brasil e mundo com a ordem de passar fôgo nos nêgros tarados todos. Se vossa excelência não fizer a ordem minha já estamos fazendo investigações a seu respeito se vossa excelência não executar as minhas ordens [...] vossa excelência será executado com um tiro à queima roupa na cabeça e outros dois em cada ouvido como o presidente Getúlio Vargas... e será enviado o seu corpo ao necrotério de pôrto alegre para autópsia e auto necropsia vossa excelência e o nêgro pelé as investigações estão sendo feitas carimbadas e assinadas remeta os documentos ao lado ou então ponha os documentos em exposição num quadro em Brasília... (FGPPR).

Esse início da correspondência já mostra o seu tom agressivo. Apesar de Victor em todos os momentos se referir ao presidente como “vossa excelência”, ao contrário da maioria dos casos, ele não faz um pedido, mas sim dá uma ordem a Figueiredo para que ele autorize o remetente a matar todos os negros do Brasil e da África, sob pena de, não o fazendo, ser assassinado.

Apesar de não termos ressaltado anteriormente, a questão do racismo aparece, mesmo que indiretamente, em diversas cartas que acabaram não selecionadas. Muitas pessoas, ao se descreverem, faziam questão de colocar que eram brancas ou pardas, mas não se consideravam negras. Edesio, citado anteriormente, fez questão de falar de sua pele morena e de que “não existe ninguém que tenha racismo de mim”, mas escreveu também que “eu sou moreno na côr, mas também sou branco aço!” (FGPPR). Se colocar como branco ou pelo menos como não negro parecia dar mais credibilidade a quem escrevia. Trata-se, portanto, de outra questão social que ingressa no discurso dos remetentes. Victor vai além, querendo exterminar os negros.

A continuação de sua carta torna-se chocante, não por variar no conteúdo já bastante violento, mas por passar a ser escrita em um auto de exame de corpo de delito do Instituto Médico Legal. Victor escreve no cabeçalho e nos espaços deixados para completar o auto: “Vossa Excelência pode anunciar a autorização para matança de nêgros pêla televisão com meu nome e endereço depois eu desfilarei em carro aberto com escolta de aviões a jato de policiais e tanques blindados e aeronáutica [...]” (FGPPR). O restante do documento está completo com informações de Pelé, da seguinte forma:

n. VÁLIDO ETERNAMENTE
 a requisição do sr. Delegado de Polícia d.
 compareceram os peritos Drs. PAM AUTO NECRÓPSIA E
AUTÓPSIA
 médicos legistas do Instituto Médico Legal, para proceder a exame em PELE
ÉBSON ARAANTES DO NASCIMENTO
 com _____ de idade, de cor PRETA
 estado civil CASADO, profissão JOGADOR DE FUTEBOL
 natural d 3 CORIÇÕES e residente _____

Fonte: (FGPPR).

A página seguinte também é escrita da mesma forma e repete a ordem dada ao presidente. Acreditamos não ser possível descrever adequadamente o formato em que Victor escreve, portanto inserimos novamente parte do documento para fins de visualização:

ETERNAMENTE OU AS ENVIAM ASSINADAS E CUMPLIMENTOS

AUTO DE EXAME DE CORPO DE DELITO
 (Lesão Corporal — A) REVOLTA COM
AUTORIZAÇÃO VÁLIDA PAM MATAR
 Aos _____ dias do mês de _____ de mil novecentos
 e _____, nesta cidade de NÊGROS NÊCROS
 n. EXECUTADOS PAM CARUSCOS ESPUMADOS POR
 a requisição do sr. Delegado de Polícia d. TÓDO O PAÍS ETERNAMENTE
 compareceram os peritos Drs. NTE VÁLIDA OU OU MOPADO
OS EXECUTADOS DECEPANDO A CARCEL NO PAÍS DE
 médicos legistas do Instituto Médico Legal, para proceder a exame em AMM
OU UM TÍO A QUESIMA LOUPA NA CABEÇA E UM EM
 com CISA OUVIODO DO de idade, de cor NÊGRO A
 estado civil _____, profissão QUESIMA LOUPA
 natural d CSTOUMIL OS e residente MÍÓLOS DO

Fonte: (FGPPR).

Mais uma informação interessante aparece nessa página. Na margem esquerda Victor parece expor o motivo que ensejou a sua ordem de matar todos os negros: “um negro tarado me comeu o cú me estuprou eu peguei câncer incurável do sangue não existe remédio para a cura do câncer pôr isso eu vou me vingar matando os negros todos um pôr um no pau de arara e decepando à cabeça de cada negro” (FGPPR).

É certo que uma correspondência, mesmo carregada de conteúdo como a de Victor, não é capaz de nos fornecer todos os elementos necessários para uma conclusão a respeito de sua condição. Existe a possibilidade de que Victor tenha sofrido algum tipo de violência sexual e isso lhe causou um desejo de vingança que acabaria por se espalhar para todo um grupo de pessoas. Outra possibilidade é oriunda da afirmação de Freud de que a psicose seria uma forma de defesa contra a homossexualidade (FREUD, 1996) e na realidade se tratasse de um desejo do remetente ter relações sexuais com outro homem, negro, e, para se afastar desse desejo, surge uma formação reativa, transformando a associação de um “eu o amo” para “eu o odeio” e, portanto, desejo matá-lo. Mais uma vez ressaltamos que nosso objetivo não é diagnosticar, mas certas inferências podem ser feitas a partir do conteúdo que possuímos. Victor finaliza sua carta com mais uma ameaça ao presidente:

Se Vossa Excelência não der autorização à marinha exército e aeronáutica passar fogo em tôdos os negros do mundo Africa e Brasil etc... eu darei autorização válida eternamente para os chineses russos alemães japoneses e os americanos passarem fogo na Africa so nos negros no Brasil etc. e em vossa excelência (FGPPR).

A carta que apresentamos trouxe dificuldades, uma vez que, apesar de utilizarmos a forma de delírio preponderante apenas como uma maneira de organização do artigo, é difícil destacar um ponto dessa correspondência como principal. Acabamos por concluir que o delírio grandioso é o fulcral pela

posição que o remetente se coloca, acima do presidente, capaz de lhe dar ordens e responsável pelo genocídio de toda uma etnia.

Nesse caso também aparecem significantes que indicam ser oriundos do momento político brasileiro da época. Para além da menção às forças armadas, Victor deseja ainda a honraria de uma parada militar em sua homenagem, instrumento bastante usado durante a ditadura militar. A referência ao uso do pau de arara, artefato bastante simbólico das torturas realizadas pelos militares também não pode passar em branco, uma vez que permeava o imaginário da época. Essas torturas, bem como assassinatos, eram parte do aparelho repressivo policial e militar que tinha a autorização governamental para ocorrerem. Talvez Victor inclusive tivesse algum tipo de vínculo com a polícia civil, uma vez que o Instituto Médico Legal possuía conexão com esse ramo da Secretaria de Segurança Pública, já que ele obteve quatro cópias de autos de corpo de delito em branco. Por mais que não sejamos capazes de concluir com certeza a respeito das motivações do remetente, pode-se afirmar que também nesse caso a realidade atravessa o delírio, refletindo as relações de poder, a violência e o preconceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização deste artigo foram as fontes documentais que levaram ao questionamento que deu início à pesquisa. Em situações em que foi possível verificar a presença de um delírio em uma carta enviada ao presidente, qual seria o papel da política no delírio existente? Freud já havia elaborado a hipótese que a construção do delírio levava em conta os fatores externos e, durante a pesquisa, pudemos constatar a veracidade dessa suposição.

Os remetentes vislumbravam no presidente uma figura paterna construída de maneira imaginária, um pai poderoso, benevolente, onipotente e

rigoroso, capaz de ajudá-los em relação aos seus perseguidores ou dar reconhecimento às suas capacidades sobre-humanas e/ou especiais.

Podemos perceber que as cartas analisadas possuem elementos em comum que merecem destaque. A retórica da época fez parte da construção dos delírios. A descrição do perseguidor ou o grupo de perseguidores coincide com aquelas dadas pelo regime aos seus inimigos: subversivo, vermelho, comunista ou simplesmente alguém que vai contra a ordem estabelecida. Existe um claro empréstimo de significantes para o delirante.

No caso dos delírios persecutórios, também pode ser percebida a presença de um delírio de grandeza, uma vez que o perseguido é alguém especial, que tem um determinado conhecimento ou habilidade que o torna um alvo. Mais importante: se em uma primeira mirada seria possível ver apenas uma escrita sem sentido, quando aprofundamos no vocabulário e na escolha do(s) perseguidor(es) vemos que existe um fundo de realidade sobre o qual é erigido o delírio, posicionando o perseguido como uma figura central da sua própria realidade.

Essa pesquisa abre portas para a análise de correspondências enviadas a presidentes do período democrático, o que nos permitiria verificar similitudes e diferenças no tratamento e na posição dada a quem ocupa o mais alto cargo do poder executivo.

Podemos finalizar da mesma forma com que Freud fez no seu estudo do caso Schreber: “Compete ao futuro dizer se existe mais delírio na minha teoria do que eu gostaria de admitir, ou se há mais verdade no delírio de Schreber do que outras pessoas estão, por enquanto, preparadas para acreditar” (FREUD, 1996, p. 85). Após este estudo com bases históricas e psicanalíticas, seria justo afirmar que há mais verdade no delírio.

REFERÊNCIAS

ABAL, Felipe Cittolin. **Altas Cortes e criminosos nazistas**. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2018.

ABAL, Felipe Cittolin. Cartas ao general: delírio e política em correspondências ao presidente Geisel. **Acervo**, v. 34, n. 2, p. 1–19, 30 abr. 2021.

ARQUIVO NACIONAL. **Fundo Gabinete Pessoal do Presidente da República**. Rio de Janeiro. Disponível em: sian.an.gov.br. Acesso em: 20 abr. 2021.

BRITO, Antonio Mauricio Freitas. Droga da subversão: anticomunismo e juventude no tempo da ditadura. **Revista Brasileira de História**, vol. 41, no 86, 2021, p. 39-65.

CPDOC. **Magalhães Pinto**. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/magalhaes_pinto. Acesso em 14 jun. 2021.

CPDOC. **João Batista de Oliveira Figueiredo**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-batista-de-oliveira-figueiredo>. Acesso em 23 jul. 2021.

DE CERTEAU, Michel. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*dementia paranoides*). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas** v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas** v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, Sigmund. Neurose e psicose. In: FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018a.

FREUD, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose. In: FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018a.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GUERRA, Andréa M.C. **A psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JORNAL DO BRASIL. Fuga de detentos deixa sete mortos e coronel ferido. 03 de dezembro de 1974. p. 1.

JORNAL DO BRASIL. Infarto hospitaliza Figueiredo no Rio. 19 de setembro de 1981. p. 1.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MILLER, Jacques-Allain. A Invenção Psicótica. **Opção Lacaniana**, n. 36, maio de 2003.

MURAT, Laure. **O homem que se achava Napoleão: por uma história política da loucura**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: do golpe de Estado à restauração democrática**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

QUINET, Antonio. **Teoria e clínica da psicose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, Tania Coelho dos; OLIVEIRA, Flávia Lana Garcia de. Teoria e Clínica Psicanalítica da Psicose em Freud e Lacan. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 73-82, jan./mar. 2012.

RECEBIDO EM: 11/01/2023

PARECER DADO EM: 29/05/2023